

Renato Suttana

Ponte para
o futuro
epigramas e sátiras



Renato Suttana

Ponte para
o futuro

(Outros epigramas e sátiras)



Ficha técnica

Título: *Ponte para o futuro (outros epigramas e sátiras)*

Autor: Renato Suttana

Todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: março de 2020

Editora: ARS

Local: Dourados-MS

ISBN: 978-85-905543-9-4

Contato e informações: www.arquivors.com

Projeto da capa: Renato Suttana (sobre imagem da internet)

SUMÁRIO

À luz da história.....	7
PARADOXO.....	9
AO OBSERVADOR INGÊNUO.....	10
I.....	10
II.....	11
III.....	11
PARTIDO.....	13
SONETO PARNASIANO-BLABLARINO.....	14
QUEM SOUBER.....	15
PROCISSÃO.....	16
AINDA NÃO.....	17
I.....	18
II.....	19
TARAS E VÍCIOS.....	20
XEPA.....	21
O BLOCO.....	22
SOLUÇÃO.....	23
REZANDO PELA GASOLINA.....	25
LAVANDERIA.....	27
À LUZ DA HISTÓRIA.....	32
CORO.....	33
A COLHEITA.....	34
MARIPOSOCENTRISMO.....	36
CONVITE.....	37
NOVO SONETO DAS VOGAIS.....	38
Voos de galinha.....	39
DONS.....	41
NA REDE SOCIAL.....	43
EPÍLOGO DESTRAMBELHADO.....	44

LIRA.....	45
EPITÁFIO DO BOLSONARISTA DESCONHECIDO...	49
CLUBE DE TIRO.....	50
CACOFONIA.....	51
INCONTINÊNCIA.....	52
OCITSÓRCA.....	53
PSICOLOGIA DO ENREDADO.....	54
FOLDED.....	55
COLOSSO.....	56
NOSSA PONTE.....	57
CHULISMOS.....	58
OS FEITICEIROS.....	59
#30M.....	60
CANTIGA DE NINAR PRESIDENTE.....	61
NÃO FOI SÓ A DAMARES!.....	62
NÃO DECOLOU.....	64
ACEPIPE.....	66
FOI AZAR!.....	68
ERRO CRASSO.....	69
SOBRE RUAS.....	71

“A segunda soltura de Michel Temer e do coronel Lima, pela 6ª Turma do Superior Tribunal de Justiça, foi ilustrada por uma descompostura na decisão de prendê-los, dada como ‘indevida antecipação de pena’ e outras irregularidades. Por quatro anos e meio, Sergio Moro cometeu à vontade e a granel os mesmos abusos.”

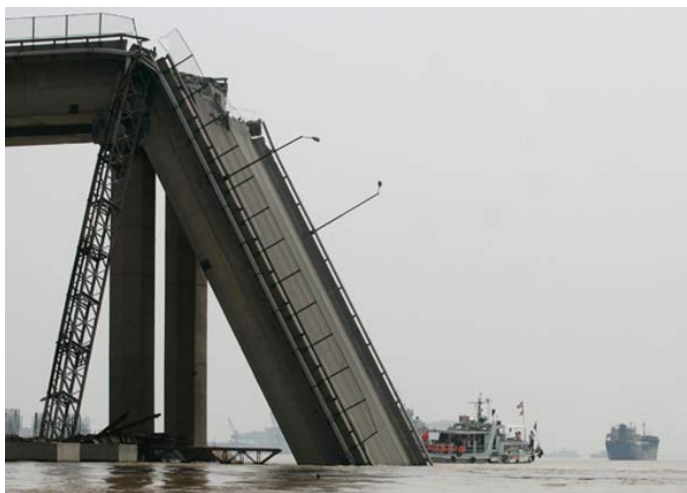
(Janio de Freitas)

“O Lula acha que ele [Bolsonaro] não distingue lé de cré. O que, segundo o Mino, não exprime...”

(Paulo Henrique Amorim)

“Segundo levantamento do economista Vitor Vidal Velho, da LCA Consultores, quase 20 trimestres depois do início da recessão, no segundo trimestre de 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) ainda está 5,1% abaixo do nível pré-crise. Esse patamar é 11,7 pontos percentuais inferior ao que foi observado ao redor do mundo depois de períodos em que a economia andou para trás.”

(Trecho de notícia do G1)



(Nossa ponte. Reprodução: internet)

À luz da história

“A outra questão da mesma ordem provém da previdência social. Diferentemente de quase todos os demais países do mundo, nós tornamos norma constitucional a maioria das regras de acesso e gozo dos benefícios previdenciários, tornando muito difícil a sua adaptação às mudanças demográficas.”

(Trecho do programa “Uma ponte para o futuro”, do PMDB)



(Cena de manifestação pró-governo. Reprodução: internet)

PARADOXO

“O que o pensamento politicamente correto não suporta no Capitão Nascimento, o anti-herói com muito caráter, não é a sua truculência, mas a sua clareza; não é o seu defeito, mas a sua qualidade. Ele não padece de psicose dialética, uma brotoeja teórica que nasce na esquerda e que faz o bem brotar do mal, e o mal, do bem. Nascimento cultua é o bom paradoxo. Segue a máxima de Lúcio Flávio, um marginal lendário no Brasil, de tempos quase românticos: 'bandido é bandido, polícia é polícia.’”

(Reinaldo Azevedo)

Se o bandido for só bandido,
e o policial só policial,
a opinião pública agradece,
e o mundo segue em seu normal.

Mas se o policial sai da linha,
e o bandido age como herói,
a opinião pública, atordoada,
não sabe de que lado dói:

recorre então ao paradoxo
como um modo (pouco provável)
de obscurecer o que era claro
e de inexplicar o explicável.

15-10-2007



AO OBSERVADOR INGÊNUO

I

“Hoje recebemos uma decisão liminar (antecipação de tutela, concedida pela 29ª Vara Cível de SP) que nos obriga a tirar o site do ar, sob pena de multa diária de R\$ 1.000.”
(Site Falha de S. Paulo)

O importante, no caso, é não medir forças com quem comanda a liberdade, nem ter a pretensão de distribuir suas várias porções com equidade.

Se estiver em questão usufruir de um pedaço pequeno (e não metade), convém sempre curvar-se e ir lá pedir, mas com a crista baixa da humildade.

Quem, ignorando a linha da medida, sai, incauto, e abocanha livremente mais do que a parte livre-consentida,

corre o risco de logo ser lembrado que a liberdade é boa, mas somente se não exigir mais que esse bocado.

1-10-2010



II

“Como é que um jornal que está, que anuncia estar sob censura, pode demitir alguém só porque a opinião da pessoa é diferente da sua?”

(Maria Rita Kehl, em entrevista ao Terra Magazine)

Difícil responder, mas ousa crer
que, se é mesmo questão de ir à procura
de respostas em noite assim escura —
sendo tamanho o risco de perder

a direção do que se quer saber,
conforme o olho suspeita e a mente apura —,
para medir o braço da censura,
cumpre esticar a trena (há que entender):

não se devendo, entanto, por prudência,
alardear a medida, compreendido
o perigo latente e a conveniência.

(E aqui se avente ao menos a razão:
que, se faltar consenso no medido,
o que sobrar é usura do patrão.)

5/7-4-2011

III

“Um observador ingênuo pode não entender a obsessão de petistas, manifestada desde o momento zero do governo Lula, de abolir a liberdade de expressão no Brasil.”



(Publicado no site da revista *Veja*)

“O redator-chefe da National, Matthew Shirts, confirmou à reportagem que Milanez foi demitido pelos comentários no Twitter. ‘Foi demitido por comentário do Twitter com críticas pesadas à revista. A Editora Abril paga o salário dele e tomou a decisão’, disse.”

(Portal da Imprensa)

Convém não confundir *livre expressão*
com outras coisas mais palpáveis, tais
como emitir pitacos nos portais
da internet, onde há fogo e ebulição.

Cumpre também não confundir *razão*
de estado com razões individuais
e não entrar por dúbios litorais,
sob pena de desastre e demissão.

Convém fazer “triagens”, distinções,
e sempre resistir às tentações,
com cera bem vedados os ouvidos;

ou, com destino certo — como um trem —,
deslizar sobre trilhos bem medidos,
que é onde a liberdade corre bem.

12-5-2010



PARTIDO

A Paulo Henrique Amorim

Pode ser que, por trás desse partido —
A que chamas, sem menos, de *golpista* —,
Regular, qual maestro rigorista
Toca um sutil concerto bem urdido,
Insistindo no ritmo desejado
De que tira um prazer particular,
O aspecto partidário, insuspeitado,
De um partido real possa faltar
(Ao qual, porém, talvez só não faleça
Intenção e atitude partidária);
Mas, para que a verdade se esclareça,
Pondo-se em posição mais ordinária,
Resta admitir que à coisa, assim disposta
E funcionando assim, dessa maneira,
Não falta, pelo menos, por aposta,
Senso de urgência e a ginga costumeira:
Ao partido da imprensa, indeclarado
(Gato que a cada noite é menos pardo),
O que não falta é o jeito, indisfarçado,
Leonino, do rugir (ou de leopardo):
Presas, garras, astúcia e, certamente,
Inclusa no pacote, entre outras pistas
(Se a pele aqui se torna transparente),
Tangida pelo faro das conquistas,
A mesma gana e a audácia dos punguistas!

3-9-2010



SONETO PARNASIANO-BLABLARINO

“Eles não guardam a memória de qualquer movimento anterior de massa, e por isso é que chegam às vias públicas assim como quem tritura farelos de estrelas nas mãos consteladas.”

(Carlos Ayres Britto)

“É tão importante, mas tão importante, que ele não sabe o que significa!” (Paulo Henrique Amorim)

“O Verde é o último reduto do conservador de armário. O Verde platinado.” (Leitor do *Conversa Afiada*)

A verde desmemória nos convém,
triturada, tal como a cintilância
de uma estrela nas mãos da militância,
que sai às ruas, com partido ou sem.

Não compreender o assunto é entender bem —
ensina-nos, aqui, Sua Excelência,
numa alada, estelar, última instância
(onde os farelos contarão também).

Seria o caso de um conservador
que anda ouvindo — direis — o que, pasmado,
não faz sentido, mas tem brilho e cor?

Ah, viu nos astros: viu, na conjunção
zodiacal, entre o enigma e a explicação,
um blablarino Verde, platinado!

15-7-2013



QUEM SOUBER...

“Todos sabemos como essa história acabou: Barbosa sumiu do mapa, Dilma e Aécio polarizaram a campanha e o país se meteu no buraco em que está.”

(André Gonçalves)

“... estreando a vida fácil, meu amor.”

(Belchior)

Sumiu-se aquele herói num pé de vento,
e a saudade persiste em demorar.

(Vem se arrastando, vem a passo lento,
já sem nenhuma pressa de chegar.)

Aonde foi? Quem levou? Que turbulento
influxo fez a chama se apagar
e deixou de lembrança esse agourento,
mais do que extemporâneo perguntar?

Foi às palestras? Ou já, só, descansa
numa praia da Flórida, entre artistas
que lá vão ter, buscando a vida mansa?

Quem souber me responda! Ó Cantanhêde!
Ó Noblat, que deténs todas as pistas!
Dai-me uma luz, furai essa parede!

26-1-2015



PROCISSÃO

“Ali, o descendente de japoneses Kim Katagui, 19 anos, elabora estratégias para derrubar a presidente do país e planeja vídeos para a internet...”

(Trecho de notícia da *GaúchaZH*)

“Saiba por que o escândalo de corrupção na Fifa é investigado pelo FBI”

(Notícia d’O *Globo*)

Dia — amanhã — de pôr a camiseta
daquela imaculada instituição
de que Havelange foi patrono e irmão,
tendo o Teixeira à frente, na retreta.

De pendurar no peito uma tarjeta
com uma prece para São Galvão
e outra para o anjo cuja inspiração
fez das ruas a casa do capeta.

De rezar a São Medici e a São Judas
e a São Lacerda, que o bom Deus o tenha,
com as bênçãos do Agripino (e outras ajudas).

E de brandir um exemplar da *Veja*
de que o juiz foi capa (ou quem mais seja) —
penitente também, que ali se empenha!

11-4-2015



AINDA NÃO

“Acendem-se as luzes e o insigne Juiz aparece.”
(Paulo Henrique Amorim)

Ainda não moro lá na Ilha de Caras,
mas não deixo de ter a pretensão
de ali passar ao menos um verão,
entre a trupe dos ricos, entre as caras.

Para sanar as mágoas e as aparas,
fui receber também o galardão
junto com a gente da televisão
(por razões que suponho muito claras).

Ainda não moro na Ilha, mas me agradam
a luz do *flash* e o terno bem cortado,
e certas companhias não me enfadam.

Depois, é só pingar assiduamente
um artigo na imprensa, temperado,
que os aplausos virão — copiosamente.

23-4-2015



O SALTO

I

“Mas os ministros mais próximos dele, assim como todos os seus poucos amigos de confiança, têm certeza de que ele diz a verdade quando garante que não dará o salto de 300 metros. Nem o de 100.”

(Diego Escosteguy)

Esse, que só ensaiou de ser atleta,
no final não saltou a tal distância;
por decisão optou mais circunspecta
de ir lá vender a sua rutilância,

pregando o seu magnífico evangelho
que numa vida suada de labuta
desenvolveu — e agora que está velho
leva a quem tem ouvidos para a escuta.

Alto é o preço, conforme se alardeia
pelos sítios, na Rede. Mas que custa
isto a quem tem a prata e não se assusta?

Pois lá foram pagar sessenta mil
para ouvir sua prosa varonil,
que agora chove sobre toda a aldeia!



II

“Mas foi a Globo que o transformou num semi-Deus, extraído da costela do Joaquim Barbosa — o campeão mundial da dominação dos fatos.”

(Paulo Henrique Amorim)

Não saltou o ex-atleta os tais trezentos,
mas não deixou de ser um campeão
noutros assuntos — mestre de portentos
que sempre foi, mesmo sem sagração.

No domínio do fato e da exceção,
por exemplo, fez mais de quatrocentos;
e no “foi para isso, sim!” não tem irmão:
faz Bolt e Lewis parecerem lentos.

Agora, comedido, já não salta,
ou vai de galho em galho e com cuidado,
como cabe a um atleta aposentado.

Sua herança, no entanto, aqui se exalta:
morística, segundo o Paulo Henrique,
fará quinhentos sem perder o pique!

12/30-6-2015



TARAS E VÍCIOS

“Os taradinhos do impeachment preservam o presidente da Câmara porque esperam dele que instale a ação para a derrubada de Dilma e não têm pudor de dizê-lo.”
(Janio de Freitas)

Tão viciados estão nessa substância
(A que dão nome inglês), que já esqueceram,
Rezando por cartilha que tresleram,
As regras do decoro e da observância. —
Dando-se ao gozo que esse jogo traz
Ou ao gozo de si, conforme a praxe
(Seja), e achando na amante um *tanto faz*,
Dane-se o mundo, sem qualquer encaixe.
Ou sairão para as ruas num cortejo,
Gozando, em desbridada bacanal,
O que sozinhos gozam, porém mal.
Libidinosos, fazem disso um vício —
Pouco importando escrúpulos de pejo
E o despudor do empacho, do comício.

15-10-2015



XEPA

“Lojas Moro dão 97,5% de desconto na cadeia”
(Fernando Brito)

Com um desconto desses, quem não topa,
quem não quer tomar parte no pacote?
Quando a oportunidade não dá sopa
e o próprio azar ameaça dar calote,

quem não pensa usufruir do descontão,
explorando sem pena a roda-viva
da invejada, premiada delação —
que só desfruta quem tem gíngua e esquiva?

Em tempos tão bicudos, quem não pensa,
quem não almeja assim mudar de *pena*,
na xepa da fortuna, que compensa? —

Pene quem não tem padre nem padrinho,
que a quem sorriu a sorte a vida é amena,
e bem menos penoso o seu caminho.

26-1-2016



O BLOCO

“O Doutor Moro, quem diria — ele, com aquela cara ascética — virou um carnavalesco.”

(Fernando Brito)

Pôr o bloco na rua — eis a questão,
com o japonês à frente, de impoluto,
e ao seu redor a incrível guarnição
toda equipada e de ar tão resoluto.

Para o triplo desfile — a encenação
que menos que espantosa não reputo:
de dar inveja a um árdego folião
que ao entrudo emprestou seu contributo.

Pôr o bloco, com as cores da justiça
e os paetês da moral, que só compensa
e a imaginação nossa tanto atixa,

neste ano promissor em pantomimas
e outras momices de que são opimas
as avenidas mágicas da imprensa.

6-2-2016



SOLUÇÃO

“Depois de desistir de enfrentar Porchat, Mendonça Filho sai de debate pela porta de trás”

(Notícia do JB)

Quando não se é nenhum valente
e só se tem, para a ocasião,
uma mistura de medo e onça
que se atrasa na contramão,
sair pela porta dos fundos
é sempre a melhor solução.

Quando na azia se acinzente
nosso trépido coração
diante da realidade esconsa,
que não nos pede opinião,
fugir pela porta dos fundos
é sempre a melhor solução.

Quando nosso ânimo aparente,
sempre a anos-luz da decisão,
como uma obscura gerigonça,
emperra e já não sai do chão,
sair pela porta dos fundos
é sempre a melhor solução.

Quando nosso brio cadente,
que um dia se supôs de leão,
numa órbita confusa e sonsa,
vai girando sem direção,



fugir pela porta dos fundos
é sempre a melhor solução.

Quando nossa coragem mente
e finge a audácia de um leão
(com uma desfaçatez intonsa
que oculta um naco de irrisão),
correr para a porta dos fundos
é sempre a melhor solução.

19-11-2016



REZANDO PELA GASOLINA

“Foto que circula nas redes sociais com imagem de pessoas orando em posto de gasolina é real, mas dona do estabelecimento diz que motivo da oração não era obter a volta da gasolina.”

(Lead de notícia do G1)

Vocês, que têm ainda no tanque
uma gota (a última) durando,
capaz de dar ao carro arranque
para onde quer que forem (vamos?),
não se atrasem; vão se adiantando,
vão mais longe que aquela esquina —
enquanto aqui nos demoramos
rezando pela gasolina.

Vocês, que avançam, competentes,
para dentro de algum futuro,
à procura das resplendentes
paisagens de um calor maduro
(que talvez jamais alcancemos),
vão correndo, vão num deslize,
enquanto aqui permanecemos
rezando pelo óleo diesel.

Vocês, que voam pelo céu
nas asas de aérea companhia
que as espraia de déu em déu
como num sonho ou fantasia,
vão depressa, procurem ramos
onde pousar a pluma indene —



que aqui terrestres nos quedamos
rezando pelo querosene.

Vocês, que sofrem grande pressa
de ver o mundo e o que ele tem,
cuja ansiedade os arremessa
sobre estradas que vão e vêm
(mas não nos levem, que não vamos,
que em nós a pressa é uma menina) —
vão agora, que aqui ficamos
rezando pela gasolina!

27-5-2018



LAVANDERIA

“Sergio Moro é homenageado em baile de gala em Mônaco”
(Notícia de *Veja*)

“Lá tem cassinos, iates, lavagem de dinheiro — e gente brega!”
(Paulo Henrique Amorim)

O nome da lavanderia
é Mônaco, dona Maria.

É lá que, com ímpeto e arranco,
se lava mais fundo, mais branco:

se lava com desenvoltura
por amor da plena brancura

(que não vem só de parecer,
mas do esforço de embranquecer);

é lá que se lava sem mancha
o que depois se leva à prancha.

*

Lava-se lá melhor que em casa
com um alvor de nuvem, de asa,

com um branco de ovo, de clara,
que não se vê em nenhuma cara.



Lá se lava de um puro branco,
de um branco total: branco franco,

branco de quem se lava inteiro
com cuidado de lavadeiro;

de um branco gelo, branco leite,
branco de noiva com o enfeite.

*

Lá se lava de um branco todo,
que não se lava de outro modo:

de um branco inerente, profundo,
como o céu no início do mundo:

de névoa, de manhã nascente,
de sol tendendo ao refulgente

ou de fralda posta a quarar,
como convém sempre branquear

(depois que a maculou a criança,
conforme o impõe antiga usança).

*

Se lavas lá o teu lençol,
por exemplo (quarando-o ao sol —



embora o nosso detergente
disso cuide perfeitamente),

levas de brinde, satisfeita,
uma alma mais clara e perfeita;

se lavas lá a tua anágua
e a tua fronha de um branco água,

levas de brinde a lavação
também da tua condição.

*

Se lavas lá toda uma trouxa,
com o teu vestido, a tua colcha,

o teu mantel, a tua estola,
tua alvíssima camisola,

se lavas lá tua moral
(que não cabe em branco-jornal),

se lavas lá o teu futuro
quando ameaça ficar escuro,

levas de brinde o branqueamento
do teu mais fundo pensamento.

*



Lá é que se lava supremo,
com um branco real: branco prêmio,

branco de quem não tem no lombo
lembrança de tropeço, tombo;

branco de olho, branco de espuma,
branco de garça, branco pluma.

É lá que, inclusive, se lava
a jato, quando a coisa encrava:

e a jato, quando impõe a pressa
lavar menos do que interessa.

*

Qualquer que seja o caso, é lá
que hás de lavar teu abadá,

tua camisa, teu vestido
a camisa do teu partido,

o babador do teu neném,
com o macaquinho também;

que hás de lavar a tua saia
de um branco-sol que não te traia.

Vai por mim, que não errarás,
que um passo em falso não darás.



*

Se queres branquear tua roupa
no alvejante que nada poupa,

se queres clarear teu intento
que aos poucos se tornou cinzento,

se queres dar à tua vida
uma brancura agradecida

de nuvem, de asa, de noivado,
de neve em inverno nevado,

o nome da lavandaria
é Mônaco, dona Maria.

5/6-6-2018



À LUZ DA HISTÓRIA

“À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro...”

(Trecho de nota editorial da Rede Globo lida por Miriam Leitão por ocasião de entrevista com Jair Bolsonaro)

Reconhecer depois — locupletado —
é a atitude correta, em todo caso:
até um leão que dorme, com descaso,
ao sol ou um crocodilo empanzinado

conhecem o valor de um bom atraso,
sendo cada um, caso solicitado,
capaz de derramar pranto dobrado
pela presa — que abocam por acaso

quando a fome comanda. E eu mesmo vou
todo um rio verter futuramente
pelo caldo, que agora desandou,

se em troca de tamanha choradeira
me for oferecido algum presente,
quem sabe um ímã para a geladeira!

4-8-2018



CORO

“A pesquisa demonstra: 1. o antipetismo é menor do que o antibolsonarismo na sociedade brasileira; 2. ambos os fenômenos seguem reproduzindo o antagonismo entre os mais pobres e os mais ricos.”

(Fernando Nogueira da Costa)

“Eu estou solto. Eu sou limpo, eu sou limpo. Olhe: o Lula tá preso, babaca!”

(Ciro Gomes)

Eram zurros e grasnos, eram guinchos,
e rugidos e estrilos, e eram pios
e latidos e miados, e cicios,
e pipilos, mugidos e relinchos,

e berros e trissados e zumbidos
e barregos e roncos; e eram zurros
e regougos e coaxos e sussurros,
e gorjeios e ornejos e bramidos,

e balidos, sibilos, gorgolejos,
e berros, urros, grinfos e crocitos,
e arrulhos, chilros, chiados, cacarejos,

bufos e mais nitridos, e eram gritos
naquele outubro estranho, feiticheiro,
em que se armou o circo em meu celeiro.

4-10-2018



A COLHEITA

(inspirado num discurso de Michel Temer)

“Governo manobra para tentar forçar presença da oposição em sessão para votar denúncia contra Temer”

(Notícia do R7)

“Para mim a História vai mostrar que foi um governo que avançou. Eu ainda acho que nós teremos muitas saudades do Governo Temer. Pode ter certeza: nada é tão ruim que não possa piorar.”

(Blairo Maggi)

Sei que apoiar o produtor
é incentivar a inovação.
Digo isto aqui, de boa fé,
sem intuito de embromação.

Mas vou dizendo. E já dizia
que até bem pouco tempo atrás
me levou o Blairo ao Mato Grosso,
para ver como é que se faz

uma colheita de algodão!
E lá me sentou, sem temor,
para que eu visse bem como era
manobrar um grande trator,

colhendo algodão. E eu lhe disse:
“Mas eu? Como é que vou fazer?
Que sei de manobrar trator
sob o sol forte, de temer?”



E ele: “Basta apertar o botãozinho —
esta coisinha aqui, de nada —,
para ver como a coisa avança,
como sai numa disparada!”

Tremendo avanço tecnológico!
Aperto o botãozinho, e zás!
Como se viva e inteligente,
a máquina já tudo faz!

E de fato apanhei também,
com tamanha tecnologia
(tendo apertado o botãozinho),
muito algodão naquele dia!

E zás! E trás! Ia eu colhendo,
e ia colhendo e recolhendo,
e já recolhendo e colhendo
o algodão, sob o sol temendo

do Mato Grosso; e já ensacando,
e levando para o galpão —
toneladas e toneladas
do mais branco e puro algodão,

naquele expediente profícuo,
sob a soalheira que esturrica
de Mato Gosso, com o Blairo,
numa tarde instrutiva e rica!

18-11-2018



MARIPOSOCENTRISMO

“Contudo, ele mesmo admite não ser estudioso do assunto, ainda que se mostre cético quanto ao fato científico de que a Terra não é o centro do Sistema Solar.”

(Trecho de artigo do CanalTech)

Eu sou a mariposa iluminada
que decifra a celeste traquitana,
desde a beirada alvar da Terra plana
à superior campânula, estrelada.

Vejam como se explica esta embrulhada:
que ao meu redor é a lâmpada que plana,
girando ali, numa órbita edipiana
da minha asa solar, toda imantada.

O *lampadocentrismo* é uma mentira
que o diabo fabricou, por desconcerto
de quem ao brilho uma ilusão prefira —

digo. E tudo obedece ao meu tantã:
terra, mar, sol, e a lâmpada, por certo,
como uma leoa de que sou o Tarzan.

25-11-2018



CONVITE

A propósito do livro Indigestos e purgativos

Eu, tão cheio de escrúpulo, evitando
devorar uma parte mais fornida
que aquela que me coube nesta vida
(cujas bordas andei só beliscando),

dei um dia — com ímpeto admirando —
de escrever, numa rude arremetida,
coletânea de poemas bem fornida,
que náusea e tédio foram empurrando.

Agora, já cansado de cevar
esse rebanho torto, insaturável,
resta-me vir à gente e convidar

amigos e inimigos a que os testem
e tirem o seu naco, se alcançável,
antes que uns mil capetas os contestem.

26-11-2018



NOVO SONETO DAS VOGAIS

“Futura ministra, Damares Alves diz ter visto ‘Jesus em cima de pé de goiaba’” (Notícia d’O Globo)

“Crise de candidatos laranja se agrava, fecha cerco a PSL e complica Bolsonaro” (Notícia de El País)

“Menina veste rosa, menino veste azul!” (Damares Alves)

“Nossa bandeira jamais será vermelha.” (Lema reacionário)

A rosa, E azul, I verde, O laranja, U goiaba.
Um dia vos direi de onde vêm essas cores:
A rosa de menina e os feminis pudores,
prendados e sutis, de que a mamãe se gaba

(entre rendas); E azul, que os vindouros senhores —
varões — hão de fazer luzir por sobre a taba;
I verde do matão que em caminhões se acaba,
vendido a preço vil para pagar favores;

O laranja dos bons serviços, eficientes,
que engordam nossa conta em bancos brasileiros
(ainda magrinha para os moldes estrangeiros);

U goiaba — ampla luz das visões comburentes,
que nos fazem sonhar com as coisas futuras,
surgidas de não sei que emanações obscuras.

7-1-2019



Voos de galinha

“Para isso é necessário em primeiro lugar acabar com as vinculações constitucionais estabelecidas, como no caso dos gastos com saúde e com educação, em razão do receio de que o Executivo pudesse contingenciar, ou mesmo cortar esses gastos em caso de necessidade, porque no Brasil o orçamento não é impositivo e o Poder Executivo pode ou não executar a despesa orçada.”

(Trecho do programa “Uma ponte para o futuro”, do PMDB)



*(Ministro dançarino, durante uma performance. Reprodução:
internet)*

DONS

“Para especialistas, discurso de Bolsonaro em Davos foi superficial”

(Notícia do *Correio Braziliense*)

Dá-vos grana, dá petróleo,
dá terras, dá ideologia,
dá mares, dá litorais,
dá floresta, dá folia.

Deu-vos ontem, dá-vos hoje.
Dá-vos, com veia furiosa,
de improviso, de vencida,
cinco minutos de prosa,

cinco gramas de ansiedade,
cinco dedos, cinco brados,
cinco sustos, cinco dardos,
cinco planos mal tramados.

Dá-vos água, dá-vos pedra,
dá-vos ouro, dá-vos nióbio,
dá-vos armas, dá-vos a ira,
dá-vos a fé do micróbio.

(Só não dá trela a estrangeiro,
que é coisa de dar a amigos:
mas a vós — se algo vos dá —
dá-vos ameaças, perigos.)



Deu-vos, dá-vos, dar-vos-á.
Dá-vos o que há para dar:
corda para muita força,
barco para naufragar.

25-1-2019



NA REDE SOCIAL

“Vá para Cuba!”

(Slogan reacionário)

Com a cabeça dada à esquisitice
do “*kit gay*”, do “marxismo cultural”,
chamou-me boca-suja, porque eu disse
que tudo isso provém do tubo anal.

Propôs-me ainda, também, de maioral
(num surto ou explosão de ranhetice),
que o bloqueasse na rede social
e as suas opiniões não inquirisse.

Do ator global não gosta, pois entende
que imitar Juan Guaidó por esta banda
é crime, e o Presidente assim se ofende.

E, quando falta verve ao tagarela,
como se fosse o dono da quitanda,
manda-nos para Cuba e a Venezuela.

12-3-2019



EPÍLOGO DESTRAMBELHADO

“Minha árvore crescerá mais que a de Lula.”
(Jair Bolsonaro)

A árvore que eu plantei outonalmente
há de crescer tão alta e tão frondosa
que a gente patranheira, de invejosa,
exclamará: “Dará num presidente!”

Dará laranja em penca ou em corrente
(caso se possa conceber tal coisa),
com uma abundância fértil, milagrosa,
que outra não há no mundo certamente!”

A árvore que eu plantei, de jardineiro,
aos pés do Netanyahu, que eu chaleiro
sem esperar emolumento algum,

por um começo inóspito de abril,
há de crescer tão alta e tão viril,
que dela terá inveja até o Zero Um!

3-4-2019



LIRA

“O ânus é o órgão excretor, se faz sua função o dia inteiro, não é desocupado. Desocupado é o ânus do Olavo q foi substituído pela boca’, afirmou o general Paulo Chagas em referência ao escritor Olavo de Carvalho, guru do presidente Jair Bolsonaro.”
(Trecho de notícia do Brasil 24/7)

Talvez caçoando
da nossa cara,
diz que racismo
em Pindorama
é coisa rara.
Não é piada
nem invenção:
é que hoje em dia
se usa por norma
linguagem baixa
no alto escalão.

Já o outro afirma
que dar escola
e estudo ao povo
é um sonho fraco,
que não decola.
Não é distúrbio
de percepção:
é que hoje em dia
se ouve, por regra,
linguagem baixa
no alto escalão.



Recentemente
disse um, possosso,
que, entre o povão,
ciência ou teoria
não faz sucesso.
(Pois nem discuto
tal asserção!)
E apenas penso,
que a moda é usar
linguagem baixa
no alto escalão.

Há quem prefira
matar um pobre,
nisto enxergando
o penhor da honra
e o estilo nobre.
Nada mais velho!
Nova é a aflição
de usar, sem papas,
a cada passo,
linguagem baixa
no alto escalão.

A um que delira
e fantasia
luta renhida
contra uns fantasmas
da Guerra fria
digo: “É preceito
de educação
não empregar



com tal abuso
linguagem baixa
no alto escalão.”

Ouçam mais esta:
o tal Olavo
disse umas boas
ao general,
por desagravo
(coisas de expurgo
e dejeção),
provando que hoje
a regra é usar
linguagem baixa
no alto escalão.

Mas a resposta
foi pronta e louca:
que era “bem curta
no outro a distância”
do ânus à boca,
o que comprova
a afirmação
de que é injuntivo
usar agora
linguagem baixa
no alto escalão.

Há que cuidar
de educar bem
a garotinha,
o adolescente



e o avô também;
porquanto é lhano
o povo e não
aprova a gana
de empregar, chula,
linguagem baixa
no alto escalão.

Eu que sou reles,
eu que sou vil,
mas vejo as coisas
e estudo os modos
do meu Brasil,
não recomendo
um tal jargão,
nem o atual uso
de papaguear
linguagem baixa
no alto escalão.

8-5-2019



EPITÁFIO DO BOLSONARISTA DESCONHECIDO

“Se votou no Amoedo a gente já sabe pra quem foi o voto no segundo turno...”

(Do Twitter)

Aqui jaz, nesta espécie de buraco,
à espera de que um cínico o destape
imitando um revólver com a mão —
o cérebro afinal tornado um caco,
e já gastos os dedos e a visão
das mil batalhas que travou no *Whatsapp* —,
quem de seus mitos não guardou segredo.
Seu último clamor: “— Votei no Amoedo!”

9-5-2019



CLUBE DE TIRO

“Liberar para menores de idade o uso de armas em clubes de tiro, pendente só de autorização paterna ou do responsável, é um incentivo combinado à criminalidade e à deseducação. É perto do inacreditável.”

(Janio de Freitas)

Depois do gás e da eletricidade,
da gasolina e do óleo — que serão
abatidos a tiros de canhão —,
façamos mira na universidade.

Apontemos com fina precisão,
sob o pretexto da moralidade
(ou qualquer outro que nos sirva e agrade),
para o orçamento, que é seu coração.

A segurança pública é fichinha —
essa cansada, frágil avezinha
que ao fogo de uma Taurus não resiste.

O meio ambiente, com a diplomacia?
Os BRICS, a casa, a indústria (se ainda existe),
a saúde, o emprego?... Bela pontaria!

13-5-2019



CACOFONIA

“Um governo no qual reina a cacofonia mais absoluta.”
(Trecho de editorial d’O Antagonista)

Deus acima de tudo — um dito torto
em que a oclusiva às vezes trava o trote
da língua, e o ar, retroflexo, engasga a glote,
até o pico do pasmo, em ponto morto.

E a Pátria, atropelada, se atrofia
ou — como um burro que já não aguenta
ralho e relho — embatuca e se apoquentá,
farta e entupida da glossolalia.

Que digo? — Era gracejo, e agora é guincho,
grasnadela, grunhido, gorgolejo,
currupaco-papaco a cada cada pincho.

(Bobajada, balbúrdia e barbeiragem —
e Kafka e cafta num só sacolejo,
que o cafuçu embrulha para viagem.)

16-5-2019



INCONTINÊNCIA

*“Bolsonaro ganha prêmio, presta continência à bandeira dos
EUA e erra o próprio bordão”*

(Notícia d'O Estado de São Paulo)

Foi prestar continência, no estrangeiro,
como um bom vira-lata rodrigueano;
e no afã de mostrar-se afável, lhano,
errou a porta e entrou no galinheiro.

“Brasil acima de...” — tentou, fulano,
e tropeçou num dito costumeiro
(como quem mete o pé num formigueiro),
já o prêmio menos láurea do que dano.

Depois foi a passeio, num galope,
pela cidade célebre, que a gente
diz estar hoje um tanto decadente.

(Mas quem pagou a conta, com certeza,
foi o contribuinte — que essa empresa
desde o esôfago à glote entala e entope.)

17-5-2019



OCITSÓRCA

A umas senhoritas que, em passeata de apoio ao governo, exibiam a Bandeira Nacional com os dizeres de ponta-cabeça

**Ontem, na passeata dos ranzinzas,
Subindo pelas ruas e descendo
(Sem outro intuito que ir reacendendo
Este carvão que já se apaga em cinzas),
Recitamos os lemas da campanha,
Gratos a alguma coisa que demora,
Ou só por gana de ir à forra agora,
Reavivado o clamor que nos assanha.
Pedimos pelo Guedes, pelo Moro
E pelo fim da aposentadoria —
Mais urgente que traque ou desaforo.
E exigimos também, por despreço
Das chateações que impõe a ideologia,
Raivosos do ar e com o peito oprimido,
O arresto da justiça e do Congresso!**

27-5-2019



PSICOLOGIA DO ENREDADO

d'après Augusto dos Anjos

“Pesquisadora da Microsoft detalha perigos do viés algorítmico no mundo real”

(Notícia do Gizmodo)

Eu, filho do algoritmo, esse maníaco,
campeão do opinionismo, a nova ciência,
perco-me numa eterna adolescência,
como um leigo entre as cifras do zodíaco.

Vou me tornando, quase, hipocondríaco
neste ambiente ruidoso, cuja urgência
reduz a cinzas minha inteligência,
já rebaixada à altura do osso ilíaco.

Como um verme do píxel e do clique,
percorro a coisa toda num só pique,
ao mundo inteiro declarando guerra.

Abro um site e não sei como entendê-lo.
E ir ao Facebook é entrar num pesadelo —
sob amplo tiroteio, que me aterra!

28-5-2019



FOLDED

“Se Dilma sair, PIB dobra”
(Previsão d’O Antagonista)

“Analistas do mercado financeiro ouvidos pelo Banco Central rebaixam em 0,01 ponto porcentual a previsão para o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2019. De acordo com o Boletim Focus, divulgado nesta segunda-feira, 27, a economia brasileira deve avançar 1,23% neste ano. Na semana anterior, a previsão era de 1,24%.”

(Trecho de notícia da *Veja*)

Virou um passarinho de origami,
ou bairra de calça, ou envelope,
ou outra coisa com que eu já não tope:
carta, bilhete, leque de madame.

Virou talvez uma asa de galinha,
ou cadeira de armar que dobro à sombra,
ou lenço, toalha, flor, talvez alfombra
onde se estampa um sonho de rainha.

Dobrou-se, redobrou-se, compactou-se,
para caber no bolso de um bufão
que vai ao vento como se rei fosse.

Tal foi o modo como, pontualmente,
se realizou a incrível previsão —
que já não pasma nem surpreende a gente.

30-5-2019



COLOSSO

“Planalto desiste do slogan ‘O Brasil voltou, 20 anos em 2’ após interpretação ambígua”

(Notícia da Folha de São Paulo)

“Um colosso, como diz a Miriam.”

(Paulo Henrique Amorim)

Até a inefável margem do futuro
estendemos a infirme, estreita ponte,
supondo-a larga como um horizonte;
e a nossa cara se quebrou num muro.

Não foi esse o projeto, certamente,
pois pareciam sólidas as bases —
postas, à força de intenções verazes,
sobre solo de rochas, consistente.

Mas a coisa oscilou, sem ritmo e escora;
e o que era ponte se tornou pinguela
levando do amanhã até o outrora.

Vinte anos ao passado, acelerando —
lá fomos de roldão por cima dela,
como um colosso bêbado, recuando.

30-5-2019



NOSSA PONTE

“Cinco anos após começo de recessão, setores não voltaram ao nível pré-crise”

(Notícia do *Poder 360*)

Nossa ponte nos leva para baixo,
apesar dos projetos que fizemos
de ir subindo, galgando até os extremos,
munidos de um sublime, ardente facho.

Se outrora, em era prisca, foi precária,
e hoje é de bom concreto, bem armado,
não cumpre entanto o sonho arquitetado,
e às ilusões se mostra refratária.

Começou-a Dom Cunha, o valoroso,
que, atravessando-a, entrou em cano estreito,
depois da andar por trecho pedregoso.

E agora não sabemos como finda:
que empreiteira a termine, que prefeito,
que anjo governador a empreenda ainda.

31-5-2019



CHULISMOS

“Não é de agora que esse pústula ofende o protocolo da decência pública, e o que tenho observado, pasmo, são os articulistas e repórteres entenderem a cafajestagem como o novo normal e imitarem o pústula escrevendo um baixo português como se fosse descontração da linguagem.”

(Wanderley Guilherme dos Santos)

Em baixo português escrevem tudo,
desde o nome incorreto da nação
às dores da pobreza e da aflição,
que tratam com desdém resseco e ossudo.

Também a biografia do Cornudo
ou a história de um santo de eleição,
ou um poema, ou uma ode, uma canção,
tudo escrevem de um jeito cabeludo.

Falam de *crise*, falam de *reforma*,
falam de *Providência* e de *polícia*,
num linguajar que nos *bas-fonds* é norma. —

Porque lhes falta pejo e pudicícia,
dizem com um despudor de fesceninos
coisas que não se dizem aos meninos.

31-5-2019



OS FEITICEIROS

inspirado numa charge de Gervasio

“Pacto de Bolsonaro com Toffoli, Maia e Alcolumbre é criticado no STF e no Congresso”

(Notícia de O Globo)

Eram três feiticeiros, muito argutos,
mestres do abracadabra e do portento,
que, protegidos contra chuva e vento,
num covil se reuniram, resolutos.

Ali, no seu tugúrio obscuro e egrégio,
onde a luz ou o povo não entrava,
foram fazer, conforme se contava,
um mais que formidável sortilégio.

Queriam converter em monarquia
a República exausta, ora perneta,
cuja cintura já perdera a ginga.

Foi? Não sei. — Sei que a minha valentia,
tremeu frente a essa insólita mandinga,
que era menos de Deus que do Capeta.

31-5-2019



#30M

“Ministro da Educação imita ‘Cantando na Chuva’ para dizer que ‘está chovendo fake news’”

(Notícia d’O Estado de São Paulo)

“Abraham Weintraub conquistou o troféu de pior ministro da Educação da História do Brasil.”

(Miriam Leitão)

Choveu trinta de maio no teu lombo,
com raios e trovoadas de tal monta
que a tua dança — aparvalhada e tonta —
quase acabou em estrondoso tombo.

Veio de lá, como se abrisse um rombo
no céu, uma água que já não desconta
nem o fato de ser só obtusa *ponta*
esse bailado parvo, em passo rombo.

E acabaste molhado como um frango
ou um pinto que a chuva surpreendeu
no terreiro, a encalçar algum calango.

(Dançar na chuva é coisa de cinema
e não quadra a uma insípida seriema
que ali procura o que sequer perdeu.)

31-5-2019



CANTIGA DE NINAR PRESIDENTE

*“Meu cabra, eu estou comendo o pão que o diabo amassou, tá?
Não loteamos ministérios, bancos oficiais, estatais. Só muda se
alguém cassar meu mandato.”*

(Jair Bolsonaro)

Neném, neném, nenenzinho,
olha a pedra no caminho,
olha a chuva que te molha
e ensopa o teu colarinho.

Olha o vento que te sopra
e bagunça o teu cabelo
e o desejo de ir ao mundo
redundando em pesadelo.

Neném, neném, nenenzinho,
olha o granizo que vem
e embranquece o teu gramado
e esburaca o teu telhado.

Olha tudo isso, olha bem!
Olha o pão que te ofertou
tua atenciosa madrinha:
foi o diabo que o amassou!

1-6-2019



NÃO FOI SÓ A DAMARES!

*“Não foi só a Damares: Bolsonaro também viu Deus!”
(Notícia do Conversa Afiada)*

Quem viu Jesus subindo por uma árvore,
como a buscar um ninho lá nos ares,
e disso retirou uma grandeza
 não foi só a Damares.

Quem num sonho apostou as suas fichas
e, indiferente à voz dos luminares,
em si somente achou o seu conselho
 não foi só a Damares.

Quem vislumbrou no céu que era de chuva
uns sinais plenos, espetaculares,
e pensou: “Mas é céu de brigadeiro!”
 não foi só a Damares.

Quem trocou os avisos da prudência,
considerando-os lerdos e palmares,
por outros que na teima se fundavam,
 não foi só a Damares.

Quem viu Deus em si mesmo e nas palavras
que os Rasputins de todos os lugares
despejaram melífluas nos ouvidos
 não foi só a Damares.



Quem, sem ler o programa do partido,
pensou que eram pruridos capilares
essas admoestações da realidade
 não foi só a Damares.

Quem, num confuso transe, santarrão,
mal distinguiu as urnas dos altares
e meteu sua mão numa cumbuca
 não foi só a Damares.

1-6-2019



NÃO DECOLOU

“Nem a galinha decolou”

(Título de editorial d’O Estado de São Paulo)

Ao ler o noticiário de hoje,
no inverno agora se iniciando,
vou sem surpresa constatando
que, em matéria de salto e voo,
como um atleta já cansado
perdido o fôlego e o gingado,
nem a galinha decolou.

O ministro com o guarda-chuva
bem que tentou canhestramente
elevar o ânimo da gente
em voo solo, mas não vingou;
antes, avariado na lata,
demonstrou, em cor mais exata,
que a galinha não decolou.

O Arnesto, de manche emperrado,
contra a teoria do global
aquecimento, disse, irreal:
“O *termostato* é que falhou!”
Se foi não sei. Mas do discurso
concluí bem que, desviado o curso,
nem a galinha decolou.

Outro ministro, em parafuso,
mal sabendo se vem ou vai,
disse assim: “Se a reforma sai,



eu fico. Do contrário, vou.”
E a pirueta desarvorada
mostrou que, meio depenada,
nem a galinha decolou.

Já o presidente, em arremesso
de honestidade insuspeitada,
disse que entende pouco ou nada
de economia; e reiterou
que a situação muito o atrapalha.
E provou que, soprada a palha,
a galinha não decolou.

Já o Maia, em voo rasante,
confessou, ainda ontem, que não
sabe como anda a *relação*
com o presidente; e eu, que não sou
de alcovitar, pensei: “Ninguém
o sabe. Mas se enxerga bem
que a galinha não decolou.”

Fecho o jornal e, preocupado,
vou conferir, lá no quintal,
se o experimento original
de fazer galináceo voar
por acaso não se frustrou. —
(Mas só constato, com pesar,
que a galinha não decolou.)

3-6-2019



ACEPIPE

“Tranquilizo os ‘guerreiros’ do PT e de seus acepipes: o responsável pelos 39 kg de cocaína NADA tem (sic) a ver com o Governo Bolsonaro.”

(Abraham Wintraub, ministro da Educação)

Tranquilizo os guerreiros
do partido que vêm
deitar um grão de sal
onde o pediu ninguém.

Tranquilizo os que querem
com salsa e cebolinha
temperar a seu modo
esta bela farinha.

Tranquilizo os que pensam
que os trinta e nove (ou mais)
são para embranquecer
suas fossas nasais.

Tranquilizo os que vêm
(com intenção de mofa)
pôr um grão de pimenta
em tão alva farofa.

Tranquilizo os que acham
que NADA será feito
e ao culinário imbróglío
não daremos um jeito.



Tranquilizo-os. E digo
que há de ir para a cadeia
quem com vulgar tempero
vier estragar a ceia.

E em garantia dou
um aviso tranquilo:
de que a oficial receita
é questão de sigilo.

28-6-2019



FOI AZAR!

“General Heleno lamenta ‘falta de sorte’ por sargento ser preso com cocaína ‘justamente na hora de evento mundial’”
(Notícia da BBC)

Por que deu a polícia estrangeira
o mau passo de assim perscrutar
a matula oficial na aduaneira?
Foi azar! Foi azar! Foi azar!

Por que foi o Dudu num arroubo
o apressado palpite arriscar
de que todo o seu bando era probo?
Foi azar! Foi azar! Foi azar!

E o coitado do Heleno ao conjunto
por que foi, como indez, se juntar,
bedelhando em político assunto?
Foi azar! Foi azar! Foi azar!

Por que foi o fatídico avião
numa pista da Espanha pousar
no seu voo ao distante Japão?
Foi azar! Foi azar! Foi azar!

E o incautíssimo, o inepto sargento
aonde foi tal ideia buscar
de embarcar o indizível portento?
Foi azar! Foi azar! Foi azar!

1-6-2019



ERRO CRASSO

“Erro crasso.”

(Trecho de um diálogo entre procuradores divulgado pelo site *The Intercept Brasil*)

Erro crasso, erro crasso.
Tua pressa te estraga
e a raiva te consome.
Erro crasso é teu nome.

Quanto mais tu devoras
e engoles tédio e lama
mais cresce a tua fome.
Erro crasso é teu nome.

Tua fera não vejo
gaiola que a contenha
nem chicote que a dome.
Erro crasso é teu nome.

Tua mancha se alastra
quando a noite é mais funda
e no dia não some.
Erro crasso é teu nome.

Teu pensamento é baba
desde o escuro do crânio
até o baixo do abdome.
Erro crasso é teu nome.



Tua paz é uma pedra
e o teu sonho uma esfinge
que na distância assome.
Erro crasso é teu nome.

Erro crasso, erro crasso.
Tua angústia te estraga
e a raiva te consome.
Erro crasso é teu nome.

1-7-2019



SOBRE RUAS

“Suspeito de matar Marielle mora em condomínio de Bolsonaro no Rio”

(Notícia do UOL)

“Polícia encontra 117 fuzis M-16 incompletos na casa de amigo do suspeito de atirar em Marielle e Anderson Gomes”

(Notícia do G1)

Da rua C à rua Marielle,
do condomínio às cores da avenida,
vai a pátria descendo, inadvertida,
por força de um impulso que a compele.

Desde a Paulista à rua da amargura,
do Eixo Monumental ao descarrilho,
nada falta a tão rústico estribilho
com que se canta em dó nossa aventura.

Do olho da rua ao olho do tornado,
ou da soleira ao fundo da sarjeta,
o que não falta é ritmo de opereta.

(Mas, frente à chuva de notícias cruas,
só quem perdeu a graça, de atordoado,
é o eleitor — que já não sai às ruas.)

julho/2019





(Em trajes domésticos, presidente recebe ministros no Palácio para tratar de assuntos oficiais. Fonte: Internet)

RENATO SUTTANA (n. 1966) é de Barroso-MG (Brasil). Professor universitário, escritor e tradutor, publicou livros de poesia e ensaios, entre os quais *Bichos* (2005), *Bichos imaginários* (2013), *Rapinário* (2015), *Quando me abriam portas* (2016), *Indigestos e purgativos* (2016), *Lição de economia* (2018) e *Música de pianola* (2018). Tem poemas incluídos em coletâneas e revistas literárias do Brasil e de Portugal. Mantém na internet o site “O Arquivo de Renato Suttana”.

ARS

Copyright © Renato Suttana, 2020
www.arquivors.com

NOSSA PONTE

Nossa ponte nos leva para baixo,
apesar dos projetos que fizemos
de ir subindo, galgando até os extremos,
munidos de um sublime, ardente facho.

Se outrora, em era prisca, foi precária,
e hoje é de bom concreto, bem armado,
não cumpre entanto o sonho arquitetado,
e às ilusões se mostra refratária.

Começou-a Dom Cunha, o valoroso,
que, atravessando-a, entrou em cano estreito,
depois da andar por trecho pedregoso.

E agora não sabemos como finda:
que empreiteira a termine, que prefeito,
que anjo governador a empreenda ainda.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-905543-9-4



9 788590 554394